

# MÚSICA E SILÊNCIO NA CONCENTRAÇÃO DO SANTO-DAIME

---

Rodrigo Sebastian de Moraes Abramovitz

Nesta comunicação, descreverei um tipo de “trabalho” do Santo-Daime: a Concentração, conforme foi observado no dia 15 de junho de 2002 na igreja Céu do Mar, no Rio de Janeiro (RJ). Trabalho seria o termo mais usado pelos daimistas para se referirem aos rituais dos quais participam.

Para Victor Turner, ritual é, ao mesmo tempo, comportamento aprendido e uma unidade na qual é “empacotada” a maior quantidade possível de informações.<sup>1</sup> Segundo o autor, a sociedade vive uma constante tensão entre estrutura (*societas*) e antiestrutura (*communitas*), e o ritual tem o papel de permitir aos indivíduos o trânsito por estes dois pólos opostos.<sup>2</sup> Fernando Couto, estudioso do Santo-Daime, observa que os rituais dessa religião não são propriamente de inversão, como o carnaval, mas rituais que “fortalecem a estrutura”.<sup>3</sup> Para Arnold Van Gennep, há uma incompatibilidade entre o mundo sagrado e o mundo profano, “a tal ponto que a passagem de um ao outro não pode ser feita sem um estágio intermediário”.<sup>4</sup> Entendemos que, no Santo-Daime, essa passagem, esse trânsito entre dois mundos, é uma viagem de ida e volta, em que o passageiro que vai nem sempre é o mesmo que volta. Essa viagem, o vôo extático, tem como veículos principais a bebida, a música cantada, tocada e ouvida, os movimentos ritmados do bailado (dança ritual), o silêncio e a concentração, usados individualmente ou em conjunto, de maneira complementar, a fim de obter,

<sup>1</sup> Turner, V. *The drums of affliction: a study of religious processes among the Ndembu of Zambia*. Oxford: Clarendon Press and The International African Institute, 1968.

<sup>2</sup> Turner, V. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

<sup>3</sup> Couto, F. Santo Daime: rito da ordem. In: Labate, B. e Araújo, W. (Orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. São Paulo: Fapesp/Mercado de Letras, 2002, p. 344.

<sup>4</sup> Van Gennep, A. *Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.* Petrópolis: Vozes, 1978, p. 25.

potencializar, direcionar e controlar a miração, o transe, a atividade visionária, que pode incluir, além de visões, experiências sonoras, como é o caso do recebimento de hinos. A miração, que tem entre seus objetivos o autoconhecimento, a assimilação da mensagem dos hinos, a integração social, a cura espiritual e a salvação da alma, tem seu espaço por excelência no ritual.

O uso do termo trabalho, pelos daimistas, para mencionar os rituais guarda relação com a própria noção de trabalho na vida cotidiana, o desempenho de atividades e o uso de técnicas corporais e mentais. De acordo com Ana Bandeira Cemin

Esse “trabalho” (...) aplica-se sobre o corpo e o pensamento. (...) A noção de trabalho nomeia o “trabalho espiritual” que, entretanto, tem como suporte o corpo em sua totalidade. (...) Portanto é preciso “aprender a trabalhar com o Daime”. Essa expressão e outras correlatas designam a multiplicidade de técnicas que têm o corpo por suporte: fardamento, concentração, coordenação de movimentos entre os passos do bailado, o cântico dos hinos e a cadência do maracá, e ainda os efeitos físicos da bebida.<sup>5</sup>

A Concentração desenrola-se, principalmente, em dois momentos opostos e complementares: (1) a execução musical dos hinos; e (2) a busca de silêncio físico (não falar, não fazer barulho) e mental (tentar “calar” os pensamentos).

A idéia de abordar a relação entre música e silêncio no Santo-Daime surgiu em decorrência da tentativa de analisar a Concentração usando como base as categorias de preliminaridade, liminaridade e pós-liminaridade, que também podem ser chamadas de separação, margem e agregação, cunhadas por Van Gennep<sup>6</sup> para análise de ritos de passagem.

Participam da Concentração indivíduos de todas as idades, de ambos os sexos, de diversas classes sociais e ocupações, tais como professores, psicólogos, médicos, terapeutas, músicos, atores, artistas plásticos, artesãos, vendedores ambulantes, pedreiros, taxistas e estudantes.

<sup>5</sup> Cemin, A. Os rituais do Santo Daime: “sistemas de montagens simbólicas”. In: Labate e Araújo (Orgs.), op. cit., p. 276.

<sup>6</sup> Van Gennep, op. cit., p. 31.

O ritual, na igreja daimista do Céu do Mar, é conduzido pelo Padrinho Paulo Roberto, ou por um substituto previamente designado para essa função, geralmente algum membro antigo da comunidade e assíduo freqüentador dos trabalhos. Os daimistas normalmente se referem à pessoa que conduz o trabalho como “comandante” ou “chefe da sessão”. Os “fiscais” são auxiliares do “chefe da sessão” e desempenham diversas funções, como servir o daime, organizar as filas do bailado, prestar auxílio aos indivíduos que estejam em “passagem”.<sup>7</sup>

## PRELIMINARIDADE OU SEPARAÇÃO

Segundo Couto,<sup>8</sup> toda a preparação (fase preliminar), de certa forma, já faz parte do ritual. No dia 15 de junho de 2002, cheguei no Céu do Mar às 18h e alguns fardados já estavam lá, para preparar a igreja e preparar-se psicologicamente para o trabalho, conscientizando-se do “ato a ser desempenhado”<sup>9</sup> – ficando em silêncio, relaxando, executando suas tarefas, procurando entrar num estado de calma e serenidade para o trabalho. Entre as tarefas executadas estão a preparação do salão, com a colocação de cadeiras e a limpeza delas, a preparação de arranjos florais em vasos sobre a mesa, o transporte dos galões contendo o daime e assim por diante.

O trabalho de Concentração tem seu início programado para as 19h. Observei, a partir do início do trabalho, alguns momentos que posso interpretar como de maior ou menor ênfase nos aspectos de preliminaridade e liminaridade. Foram rezados três *Pais-Nossos* e três *Ave-Marias* intercalados. De acordo com Cemin, é a experiência do “vôo extático, xamânico, que os autoriza [aos daimistas] rezar o *Pai-Nosso* em todos os ritos dizendo: ‘vamos nós ao vosso reino’”.<sup>10</sup> Em seguida foi feita a prece *Chave de harmonia*; o Padrinho da igreja disse as palavras de abertura do trabalho<sup>11</sup> e foram formadas filas para tomar o daime.

<sup>7</sup> Isto é, passando por algum momento de dificuldade causado pelos efeitos da bebida (o que os usuários de LSD e outras substâncias chamam de *bad-trip*).

<sup>8</sup> Couto, F. Santos. Xamãs: estudos do uso ritualizado da ayahuasca por caboclos da Amazônia e, em particular, no que concerne sua utilização socioterapêutica na doutrina do Santo Daime. Dissertação (mestrado) – UnB, Brasília, 1988.

<sup>9</sup> Couto, op. cit., p. 137.

<sup>10</sup> Cemin, op. cit., p. 292.

<sup>11</sup> “Em nome de Deus Pai Todo-Poderoso, em nome da Soberana Virgem Mãe, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, em nome do Patriarca São José, em nome de todos os Seres Divinos da Corte Celestial. Com a ordem do nosso Mestre Império Juramidam, está aberto o nosso trabalho, meus irmãos e minhas irmãs (José Abramovitz, comunicação pessoal).

## LIMINARIDADE OU MARGEM

Os participantes da Concentração passaram a maior parte do trabalho sentados em bancos e cadeiras ao redor da mesa, que fica no centro do salão e sobre a qual é colocado o Cruzeiro, uma Cruz de Caravaca, isto é, uma cruz com duas traves horizontais ao invés de apenas uma.

Após a primeira dose (aproximadamente 45 ml.)<sup>12</sup> foi cantada a *Oração do Padrinho Sebastião*, um conjunto de hinos selecionados de seu hinário *O Justiceiro*. O primeiro verso do primeiro desses hinos da oração é “Examine a consciência”, uma sugestão do que deve ser feito durante o tempo que se fica em silêncio.

Os hinos são cantados em coro uníssono e com acompanhamento dos instrumentos musicais que estiverem disponíveis. Maracás<sup>13</sup> e violões são os mais usados. Observamos também a presença de outros instrumentos musicais como flauta transversa, cavaquinho, bandolim, contrabaixo elétrico, acordeão, pandeiro e atabaque.

Em seguida foi dita a prece *Consagração do aposento*,<sup>14</sup> diminuíram-se as luzes e todos ficaram em silêncio.

De acordo com Edward MacRae,

Os participantes devem inicialmente buscar a canalização de sua mente em uma só direção, com o progressivo aquietamento das ondas e cadeias de associação de pensamento. Num segundo momento passam à meditação e à identificação com o “Eu Interno e Superior” e o “poder Divino”, que transcende todas as idéias, nomes e formas.<sup>15</sup>

Segundo Alex Polari de Alverga, durante a Concentração todos devem buscar, por meio do silêncio, a conexão com o nosso Ser interior e uma consciência maior do nosso Eu superior.

<sup>12</sup> O volume da dose (45 ml.) equivale, aproximadamente, a um cafezinho.

<sup>13</sup> Instrumento constituído de uma pequena lata preenchida por bilhas e manipulado por um cabo de madeira.

<sup>14</sup> Esta prece encontra-se encadernada no início do hinário do Padrinho Alfredo.

<sup>15</sup> MacRae, E. *Guiado pela Lua: xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime*. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 102.

É também nas Concentrações que os participantes podem se entregar relaxadamente à miração e receber instruções valiosas para o seu seguimento espiritual. A Concentração se divide em duas etapas:

- a) Concentração propriamente dita, que consta da disciplina da mente em abolir os pensamentos, associações de idéias e impressões do dia-a-dia, a fim de focalizar um único ponto; nela são treinadas a atenção e a introspecção, para que a mente, em vez de se tornar foco de distração, seja um instrumento útil a serviço do trabalho espiritual.
- b) Meditação – estágio superior de concentração quando, dentro da força da corrente, da energia espiritual das mentes elevadas e da proteção dos guias espirituais, se busca experimentar um estado contemplativo, extático, sereno e sem pensamentos, em que observador, observado e o ato de observar procuram fundir-se.<sup>16</sup>

Tal fusão entre o observador e o observado, experimentada na Concentração pelos daimistas, segundo Alverga, parece próxima ao que descreve Guimarães com relação aos Huni Kuin: o “canto alterna duas pessoas do discurso, ‘nós’ e ‘ele’”.<sup>17</sup> Isso acontece em alguns hinos do Santo-Daíme, nos quais a narrativa do hino parece dar voz ora ao recebedor, ora à entidade da qual ele está recebendo o hino. Cito como exemplo o hino 69 do Mestre Irineu:

Passarinho está cantando  
Discorrendo o ABC  
E eu discorro a tua vida  
Para todo mundo ver.

...

Passarinho Verde canta  
Bem pertinho para tu ver  
Sou passarinho e tenho dono  
E o meu dono tem poder.

<sup>16</sup> Alverga, A. *Santo Daíme: normas de ritual*. Boca do Acre: Cefluris Editorial, 1997, p. 18.

<sup>17</sup> Guimarães, D. *Nukun Mimawa: imitação e transformação nos cantos Huni Kuin*. In: Matos, C., Travassos, E. e Medeiros, F. (Orgs.). *Ao encontro da palavra cantada*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2001, p. 83.

Essa fusão entre o recebedor e a entidade da qual ele recebe o hino, no discurso que aqui comparo aos cantos rituais dos Huni Kuin, contribui para sustentar a hipótese das biografias musicais. Ao fazerem essa fusão das pessoas do discurso, os hinos parecem apontar uma solução para o problema de como eles poderiam, a um só tempo, ser recebimentos de entidades do “astral” e falar da trajetória pessoal do recebedor.

Os Huni Kuin, “[c]onhecidos historicamente pelo etnônimo Kaxinawá”,<sup>18</sup> vivem na Amazônia ocidental, nas bacias dos rios Purus e Juruá, e utilizam a bebida *ayahuasca* em seus rituais. É possível que Mestre Irineu tenha conhecido a bebida em contatos com esses índios ou com caboclos descendentes desse grupo. O fato é que esses índios vivem na mesma região onde se iniciou a história do Santo-Daíme, onde o Mestre Irineu andou, onde o Padrinho Sebastião nasceu e onde está localizada hoje a comunidade Céu do Mapiá.

Podemos considerar que o que acontece antes da ingestão da bebida ou tudo o que acontece antes de seus efeitos serem sentidos (miração) é preliminar e que a miração é o estado de liminaridade por excelência do trabalho, o momento em que se está à margem da vida cotidiana. Podemos, também, querer acreditar que o momento de maior liminaridade do trabalho de Concentração seja a concentração propriamente dita, quando todos buscam ficar em silêncio. É possível que este seja o momento máximo do ritual. Podemos ainda entender que a execução musical dos hinos seja um momento de liminaridade, pois, embora haja momentos de silêncio no trabalho, a execução de hinos é imprescindível para a realização do trabalho espiritual.

A Concentração propriamente dita é “ladeada” pela execução musical de hinos, isto é, o tempo que se fica em silêncio é antecedido pela *Oração do Padrinho Sebastião* e seguida do *Cruzeirinho do Mestre Irineu*, podendo ser interrompido pela execução musical de hinos escolhidos pelo “Chefe da Sessão” ou por preleções deste. Dessa forma, os hinos delimitam o tempo ritual, e o silêncio passa a se caracterizar como a ausência de hinos. É uma ausência presente.

O tempo ritual tem por característica quebrar o fluxo contínuo do tempo cotidiano. A Concentração tem hora para começar, mas não tem hora certa para terminar. Tudo dependerá de quanto tempo durará o silêncio, de quanto tempo o Padrinho usará em preleções e do andamento em que os hinos forem executados.

<sup>18</sup> Guimarães, op. cit., p. 77.

De acordo com o informante Alberto Eduardo Boerr, nascido na Argentina, residente no Brasil há dezessete anos e que morou cinco anos na Amazônia, na Vila Céu do Mapiá

se tendia antigamente a fazer uma coisa mais lenta assim, com uma cadência mais lenta. Eu acho que hoje em dia isso pode ser feito num grupo que está bem harmonizado, para poder levar num ritmo bem levado. Agora, quando não tem harmonia entre as pessoas e você tem que carregar astralmente com um monte de energias que pesam, de sono, de desatenção e tudo, o acelerar do ritmo chama a atenção das pessoas para um despertamento maior.<sup>19</sup>

Segundo a fala do informante, observamos que a execução musical dos hinos – percebida, entre outros parâmetros, pelo andamento – reflete a qualidade do trabalho espiritual. Observamos também que no videodocumentário *Santo Daime Santa Maria*, realizado por Fernando La Rocque Couto e Vera Frões Fernandes, com imagens coletadas em Rio do Ouro (AM) em 1982, os hinos apresentam um andamento mais lento do que é observado atualmente no Rio de Janeiro.

Sobre a relação entre som e silêncio podemos citar o hino 72 do Mestre Irineu, que se chama *Silencioso*, no qual ele diz chegar ao jardim em silêncio. Entendemos que esse jardim signifique um lugar especial e elevado do plano astral, de onde vêm “Estas flores que recebemos / Para nossa Salvação”, como está na letra do hino 117. As flores podem ser interpretadas como bênçãos e revelações espirituais.

A relação entre música e silêncio na Concentração do Santo-Daime é diferente da que pode ser observada na música de concerto e, em alguns casos, na música popular, em que o silêncio, além de fazer parte do tecido musical, cumpre uma função de moldura desejável à execução. Teoricamente, essas músicas só deveriam ser executadas no mais completo silêncio possível, requerendo uma participação passiva da platéia, que deve se esforçar para não produzir o menor ruído.<sup>20</sup> No Santo-Daime, não há uma clara distinção entre músicos e platéia, pois quase todos os presentes participam da execução musical, cantando ou tocando. Segundo o informante Alberto Boerr, no Santo-Daime

<sup>19</sup> Entrevista realizada em 27 de outubro de 2002.

<sup>20</sup> Essa exigência de silêncio completo do ouvinte existe em alguns tipos de audição de música popular.

não tem um grupo musical que a gente vai escutar, nós mesmos que tocamos nossos próprios instrumentos, que Deus nos deu, que é nossa própria voz... Isso faz a pessoa vivenciar a música em si mesma, porque está participando de fazer aquela música. Você vivencia ela [a música] como uma coisa própria, você não está só assistindo alguém tocando.<sup>21</sup>

De acordo com ele, a participação de todos na execução musical faz com que cada um sinta aquela música como sua própria expressão.

É comum vermos uma pessoa que produz ruído, mesmo involuntariamente, ser censurada publicamente durante um concerto ou apresentação musical com um coro de “shhh!”. Ao se ingerir o daime, é comum ocorrerem vômitos, o que é chamado de “passagem” ou “limpeza”. O Padrinho, ao ouvir algum participante vomitar na hora da Concentração, em que se deve estar em silêncio, puxa um hino na intenção de confortar e ajudar aquela pessoa que está em passagem. Então a música acaba servindo também para encobrir o ruído, em contraposição à necessidade de silêncio para se ouvir música em outros contextos. Em alguma medida, a música dos hinos é uma forma de silenciar os ruídos que interferem na concentração dos participantes. Então, em lugar de o silêncio compor uma moldura para a execução musical, como na sala de concerto, é o canto dos hinos que faz uma moldura para o silêncio da Concentração.

Algumas recomendações sobre o comportamento na Concentração são passadas nas preleções. A complementaridade do silêncio interior buscado e da execução dos hinos é sugerida também nessas preleções.

Paulo Roberto, o Padrinho da igreja observada no Rio de Janeiro, explica que esse mesmo silêncio interior, essa mesma atenção da consciência deve ser utilizada para a execução musical dos hinos:

Por isso que a gente faz tanta força ali na igreja para, na hora de cantar, não estar pensando em outra coisa. Porque se você cantar e deixar o hino se manifestar dentro de você sem outros pensamentos, você chega (...) no conteúdo (...) verdadeiro [do hino], uma coisa de comunhão acontece ali naquele momento.<sup>22</sup>

<sup>21</sup> Entrevista realizada em 27 de outubro de 2002.

<sup>22</sup> Entrevista realizada em 15 de maio de 2002.

A execução musical dos hinos, para atingir seu objetivo espiritual, requer o silêncio interior, conforme observamos nesta fala. Os hinos dão referências para a reflexão pessoal e a busca do autoconhecimento, durante o tempo em que se fica em silêncio, como é o caso do hino *Examine a consciência*. Portanto, a execução musical dos hinos e o silêncio são complementares, mas não opostos, pois cantar os hinos é preparar-se para a reflexão silenciosa.

Depois de servida a segunda dose, a concentração prosseguiu por mais um período idêntico, em que o silêncio foi intercalado com hinos como *Firmeza do Padrinho Sebastião* ou *Chamo a força do Mestre Irineu*, entre outros, que o “Chefe da Sessão” achou conveniente puxar.

Após a Concentração, acenderam-se novamente as luzes, foi servida mais uma dose de daime e foram cantados vinte hinos em seqüência, escolhidos de um trecho do hinário do Padrinho Sebastião (do hino 41 ao 60).

Na parte final da Concentração foi cantado o *Cruzeirinho do Mestre Irineu*, constituído justamente pela parte final de seu hinário, os treze últimos hinos. Incluiu entre esses treze hinos um que não é numerado no hinário, pois não possui letra, e sua execução é apenas instrumental. A execução desses hinos dá um caráter conclusivo ao trabalho.

Terminada a execução do *Cruzeirinho*, foram cantados mais alguns hinos escolhidos pelo Padrinho. A intenção foi fazer com que o trabalho terminasse junto com os efeitos da bebida, e não antes. Para encerrar o trabalho, sempre é cantado o hino 26 do hinário *Nova Jerusalém, Sou brilho do Sol*, de Padrinho Sebastião.

## PÓS-LIMINARIDADE OU AGREGAÇÃO

O trabalho termina com todos rezando novamente três *Pais-Nossos* intercalados com três *Ave-Marias* e uma *Salve-Rainha*. Foram divulgadas algumas informações como a data do próximo trabalho, a cor da farda a ser usada, o(s) hinário(s) e o horário, a realização de um feitiço<sup>23</sup> e um projeto de assistência a comunidades carentes, com a distribuição de cestas básicas custeadas pelos dai-

<sup>23</sup> Ritual de preparo da bebida.

mistas. Então, para finalizar, o Padrinho disse as palavras rituais de encerramento do trabalho.<sup>24</sup>

A fase pós-liminar se iniciou com o fim do trabalho. Ainda no salão da igreja todos se cumprimentaram, alguns se abraçaram. Ouvia-se aqui e ali pelo salão perguntas do tipo “Como foi o trabalho?”; “Fez um bom trabalho?” Alguns contavam experiências pessoais e detalhes de mirações. Muitas vezes os participantes do ritual ficam ainda algum tempo em animadas conversações no terreiro. Não raramente, nesse momento, alguns daimistas montam banquinhas para vender lanches como saladas de frutas, iogurte com granola, salgadinhos, bolos, pães, sucos, refrescos, etc. Às vezes, alguns daimistas convidam outros para irem às suas casas para lancharem juntos. Vemos nesse momento a volta à vida cotidiana e ao tempo em seu fluxo contínuo e normal. Observamos também o hábito de uns darem carona para outros no retorno às suas casas, no caso dos que não moram na comunidade (a maioria). Algumas vezes, nesse trajeto, é possível que parem para tomar uma água-de-coco na beira da praia, ou que parem para fazer um lanche em alguma lanchonete que esteja aberta no caminho, o que geralmente é possível apenas nos fins de semana. Todos retornam em ordem e renovados para suas casas e para suas tarefas cotidianas.

<sup>24</sup> “Em nome de Deus Pai Todo-Poderoso, em nome da Soberana Virgem Mãe, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, em nome do Patriarca São José, em nome de todos os Seres Divinos da Corte Celestial, com a ordem do nosso mestre império Juramidam, está encerrado nosso trabalho, meus irmãos e minhas irmãs. Louvado seja Deus nas alturas [todos em coro completam]. Para que sempre seja louvada nossa mãe Maria Santíssima sobre toda a humanidade.”